

A MODERNIDADE DE ROUSSEAU *

Pierre Rivas **

Como vocês sabem, a ironia do destino quis que morressem a poucos meses de distância os dois inimigos: Voltaire e Rousseau. A relação entre Voltaire e Rousseau é um elemento fundamental para compreender a literatura francesa. Muitas vezes nos perguntamos: qual é o grande escritor francês? Os alemães têm Goethe, os italianos têm Dante, os espanhóis têm Cervantes, os ingleses têm Shakespeare, os portugueses têm Camões - e os franceses? Para responder a esta questão é preciso ver que a literatura francesa é uma literatura de diálogo - um diálogo perpétuo entre duas visões do mundo, duas filosofias do homem e da sociedade, duas experiências da escrita. Toda a literatura francesa se estrutura assim: um diálogo entre Montaigne e Pascal, Corneille e Racine, Rousseau e Voltaire, Sartre e Camus; são duas visões opostas que fazem a riqueza da literatura francesa.

Quando se celebrou o centenário da morte de Voltaire e de Rousseau era o momento em que a República

* Texto transcrito da palestra proferida em 2 de outubro de 1987 na UFSC durante o seminário "Atualidade do Pensamento Pedagógico de Jean-Jacques Rousseau" organizado pelo Núcleo de Publicações do Centro de Ciências da Educação em colaboração com a Aliança Francesa de Florianópolis.

**Professor de literatura comparada na Université de Paris X, Nanterre e ex-professor visitante da UFSC.

Francesa estava em conflito. Os elementos da burguesia, que ditavam a ideologia hegemônica na França da Terceira República fizeram uma grande festa para Voltaire e tiveram muita dificuldade em celebrar Rousseau. A lembrança da Comuna de Paris era ainda muito forte, e Voltaire era um espírito que podia convir àquela unanimidade burguesa da sociedade da Terceira República enquanto Rousseau permanecia, de certo modo, um elemento impensável. Hoje o contrário acontece. Voltaire permanece um grande escritor, mas quando celebramos em 1978 o bicentenário da morte dos dois, a grande estrela foi Jean-Jacques Rousseau. Trata-se de uma trajetória interessante, do ponto de vista da recepção literária e das ideologias, a constatação da modernidade Rousseau. Quando em 1912, no bicentenário do nascimento de Rousseau, a crítica e a ideologia dominantes eram, majoritariamente, de direita, anti-republicana, etc., e então se insistia sobre as contradições da vida e do pensamento de Rousseau. Dizia-se, por exemplo, ele escreve o *Émile* e coloca os cinco filhos que teve na Assistência Pública; é um homem totalmente contraditório: faz o elogio do Estado e, neste sentido, aparece como o pai do terrorismo de Robespierre, do Estado totalitário e, ao mesmo tempo, escreve as *Rêveries du promeneur solitaire* e as *Confessions*, que são precisamente a fuga longe da história e a recusa de todo compromisso histórico. Falava-se muito das contradições. Hoje, há alguns livros fundamentais sobre a unidade do pensamento de Jean-Jacques Rousseau.

O livro mais importante que apareceu sobre a unidade do pensamento de Rousseau foi escrito por um alemão, pertencente à escola neokantiana, Ernst Cassirer, acaba de ser traduzido ao francês e constitui uma leitura fundamental para compreender, além das aparentes contradições de Rousseau, a coerência e a modernidade de seu pensamento. Não é por acaso que, no ano do bicentenário de sua morte, Lévi-Strauss escreveu um texto falando de Jean-Jacques Rousseau como fundador da antropologia e fundador das ciências humanas. É isto, justamente, que é interessante e que tentarei demonstrar: a unidade de um escritor contraditôrio.

Peço desculpas pelo excesso de comparativismo. Eu gostaria, muito rapidamente, de confrontar - vai parecer uma coisa rara - o pensamento de Jean-Jacques Rousseau com o pensamento de um poeta eminente, um dos maiores da modernidade, Fernando Pessoa. Há entre Fernando Pessoa e Jean-Jacques Rousseau, ligações que são as máscaras - a escritura heterônima, o tema da máscara que é central na elaboração da teoria da heteronomia, mas é central também no falso problema da sinceridade; problema que até agora era analisado com os conceitos de poesia e verdade, Dichtung und Wahrheit na obra autobiográfica, à luz de Lacan, de Derrida (sobre o descentramento do sujeito), mas à luz da experiência heteronômica aparece como um falso problema. O que Rousseau mostra, pela primeira vez, o que ele inaugura é o que um grande crítico português - Eduardo Lourenço -

chama de modernidade como insuperável contradição do mundo moderno. Rousseau, de um lado (em toda a primeira parte de sua obra, nos primeiros Discursos, por exemplo) é um crítico terrível da sociedade contemporânea. Em sua tentação anárquica lembra muito o Fernando Pessoa de O banqueiro anarquista. Na segunda parte de sua obra (precisamente no Contrato Social) há a elaboração do que pode aparecer como uma visão já hegeliana do Estado. Temos, assim, duas polaridades: a tentação anarquista e a tentação totalitária e, digamos, hegeliana ou robespierrista, que aparece como uma primeira contradição.

A segunda contradição, fundamental, é entre o pensador político, até então preocupado com a transformação social, e o escritor, que vai recusar o mundo, vai se abstrair e que inaugura um aspecto fundamental da modernidade: o que Max Weber já chamava de desencanto do mundo, a maneira de virar as costas à sociedade para se refugiar numa elaboração do sonho. Como André Breton, Rousseau vai elaborar a concepção do homem como este rêveur définitif, aquele sonhador definitivo que lhe parece ser o estatuto do homem na modernidade. Aqui temos uma outra contradição aparente, mas a unidade pode ser vista se pensarmos que a contradição não está no pensamento de Rousseau, mas que a unidade de Rousseau é pensar a contradição do mundo moderno. O mundo moderno é feito, precisamente, dessas contradições insuperáveis. Encontramos aqui o que um dos maiores críticos de Rousseau, Jean Starobinski, caracterizou como

o obstáculo e a transparência, a saudade de uma transparência das consciências, de uma reciprocidade da consciência, de uma imediação com o homem, a sociedade, etc., a recusa de toda mediação possível e a experiência da alteridade, do obstáculo, que é constitutiva de uma sociedade que não pode se pensar como superável historicamente. O pensamento de Rousseau oscila, como nosso próprio mundo, entre a regressão mítica ao estado primitivo e a procura utópica no horizonte de uma sociedade reconciliada consigo mesma.

Onde está a unidade de Rousseau? A unidade está em que toda sua obra tem que ser vista como utopia - utopia no sentido próprio, de que não está situada em um lugar particular, e utopia no sentido de princípio regulador do pensamento. Todo pensamento tem que ir até aquela experiência-limite. A experiência da rêverie é, precisamente, o lugar onde o eu pode ser encontrado. Há uma comparação que seria muito interessante de se fazer entre a rêverie e o devaneio que aparece no Livro do desassossego, de Bernardo Soares. Os dois são cidadãos do imaginário, cidadãos do sonho e, por isso mesmo, há nos dois autores a mesma procura de elaboração propriamente utópica de sistemas. Veja-se o aspecto programático de Pessoa sobre a futura constituição possível, o que pode ser a tradição milenarista que aí aparece, segundo a tradição portuguesa e que na tradição francesa reveste um aspecto mais antropológico e político. Vemos ainda o mesmo retour en arrière, a mesma saudade da infância. Se recapitularmos tudo o que Rousseau introduz na

modernidade, o tema da infância, por exemplo, é um tema fundamental. É com ele que nasce, precisamente, a infância - antes não existia. Na concepção clássica, a criança já era um homem. Rousseau introduz pela primeira vez o tema da infância e também da autobiografia. Para que a autobiografia possa surgir é preciso que se tenha o sentimento de uma ruptura com a sociedade. A autobiografia representa a volta a si mesmo quando não se pode construir história. Quando a experiência de Rousseau chega a esse sentimento do obstáculo histórico, temos a regressão ao essencial que são, justamente, a infância e a autobiografia.

No entanto, temos presente duas oposições: a experiência do bonheur, da felicidade (Saint-Just, que muita gente vê como um descendente de Rousseau, dizia: a felicidade é uma idéia nova na Europa) que Jean-Jacques vai introduzir como saudade.

Rousseau introduz também o poema em prosa. Os Pequenos poemas em prosa, de Baudelaire, provêm daquela escrita que se desfaz, que é a escrita das Rêveries - é uma tentativa de dizer aquela relação rompida com a sociedade e com a humanidade. Aqui encontramos Rousseau, como dizia Lanson há muito tempo, na entrada de todas as avenidas do mundo moderno. Neste sentido, ele aparece sob dois aspectos: um voltado para o futuro e o outro para o passado.

Quero terminar dizendo como é interessante ver que, na Ilha de Florianópolis, esse escritor que sempre se

sentiu como o escritor da insularidade (o tema da ilha ocupa em sua obra uma função fundamental), é objeto de um encontro como este, o que me parece quase providencial.